

Lucas 18–21 — Comentário Bíblico O Reino de Cristo em Ação

Uma exegese versículo a versículo, cristocêntrica e acadêmica, dos capítulos 18 ao 21 do Evangelho de Lucas, segundo a versão KJA. Uma jornada pelo ensino, paixão, julgamento e esperança escatológica em Cristo.

[Iniciar Estudo](#)

[Sobre o Autor](#)

Contexto Histórico-Literário

Quem Escreveu e Para Quem?

Lucas, o médico e companheiro de Paulo (Colossenses 4:14), compôs este evangelho entre 80–90 d.C. Diferente dos outros evangelistas, Lucas dirige sua obra prioritariamente a gentios, enfatizando a universalidade da salvação — uma tese fundamental na obra de N. T. Wright em *Luke for Everyone*.

O destinatário simbólico, "Teófilo" (Lucas 1:3), representa todos os que buscam o conhecimento seguro da fé cristã. A narrativa é construída com rigor histórico e sensibilidade pastoral.

Estrutura dos Capítulos 18–21

01

Ensinos e Parábolas

Capítulo 18 — chamado à humildade, fé e discipulado radical.

02

Entrada em Jerusalém

Capítulo 19 — reconhecimento messiânico e purificação do Templo.

03

Conflitos e Disputas

Capítulo 20 — confronto com autoridades religiosas e políticas.

04

Escatologia e Esperança

Capítulo 21 — sinais dos tempos e retorno glorioso do Filho do Homem.

LUCAS 18:1-8

Parábola da Viúva Persistente

Versículos 1-5 — A Necessidade da Oração Constante

Jesus abre este bloco com um imperativo pedagógico: "é necessário orar sempre e não desfalecer" (v.1). A viúva, figura de vulnerabilidade social no mundo antigo, torna-se protagonista da perseverança. Ela pressiona o juiz injusto não pela força, mas pela constância — uma imagem poderosa da fé que não recua diante do silêncio aparente de Deus.

Segundo D. A. Carson em *The Gospel According to Luke*, a parábola não compara Deus ao juiz injusto, mas argumenta *a fortiori*: se até um juiz sem piedade atende à persistência, quanto mais o Pai celestial atenderá aos seus eleitos?

Versículos 6-8 — A Esperança Messiânica

"Deus não fará justiça aos seus escolhidos, que clamam a ele dia e noite?" (v.7). A promessa divina de que "não tardará" conecta-se diretamente à esperança messiânica: o Deus que ouve é o mesmo que enviou seu Filho como resposta definitiva ao clamor humano.

A pergunta final — "Quando o Filho do Homem vier, achará fé na terra?" — lança o leitor à reflexão escatológica: a perseverança na oração é o sinal visível da fé genuína que aguarda o retorno de Cristo.

LUCAS 18:9–14

O Fariseu e o Publicano

O Fariseu — Justiça Própria

"Graças te dou, ó Deus, que não sou como os outros homens" (v.11). O fariseu ora para si mesmo — uma autorreferência que revela a estrutura da religiosidade sem graça. Sua lista de virtudes é real, mas sua confiança está depositada nas obras, não na misericórdia divina.

M. Green, em *The Gospel of Luke*, observa que o fariseu usa a oração como vitrine social, transformando o templo em palco de autoafirmação espiritual.

O Publicano — Humildade Redentora

"Deus, tem misericórdia de mim, pecador!" (v.13). O publicano, desprezado como colaborador romano e traidor social, apresenta a única oração válida diante de Deus: o reconhecimento da própria indigência espiritual. Ele "desceu justificado" — declaração que antecipa a doutrina paulina da justificação pela fé.

Aplicação cristocêntrica: Cristo é o único mediador que justifica o pobre de espírito. Sem ele, toda justiça humana é insuficiente diante da santidade divina (cf. Romanos 3:23–24).

As Crianças e o Reino de Deus



"Deixai as crianças virem a mim"

Os discípulos repreendiam aqueles que traziam crianças a Jesus — reflexo de uma cultura que marginalizava os pequenos. A reação de Cristo é imediata e contracultural: "não as impeçais" (v.16). Este gesto não é apenas de ternura, mas de revelação teológica profunda.

A criança no mundo antigo não possuía status jurídico, social ou religioso pleno. Ao acolhê-las, Jesus inverte a lógica do mérito e proclama que o acesso ao Reino não depende de posição, mas de receptividade. O paralelo com Mateus 19:14 reforça que esta era uma lição central em seu ministério.

- ☐ **Versículo 17 — Chave Cristológica:** "Em verdade vos digo que quem não receber o Reino de Deus como uma criança, de modo algum entrará nele." A fé infantil — desprovida de orgulho, cheia de confiança — é o modelo do discipulado cristocêntrico.

O Jovem Rico — O Custo do Discipulado

Versículo 22 — A Demanda Radical

"Vende tudo o que tens, distribui pelos pobres... e vem, e segue-me." A resposta de Jesus ao jovem que "guardava todos os mandamentos desde a sua mocidade" (v.21) expõe uma idolatria sutil: a riqueza havia se tornado o seu verdadeiro senhor. Jesus não condena a riqueza em si, mas a dependência nela.

J. R. W. Stott, em *The Message of the New Testament*, sublinha que o chamado ao discipulado é sempre personalizado — Jesus conhece o ponto exato de resistência de cada coração.

"É mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha..."

Esta hipérbole semítica (v.25) não é sobre impossibilidade absoluta, mas sobre a dificuldade humana de confiar em Deus acima de qualquer segurança material. "O que é impossível para os homens é possível para Deus" (v.27) — a salvação é sempre graça soberana, não conquista humana.

Casa, Família, Bens

Tudo que foi deixado por Cristo será recompensado "muito mais neste tempo presente" (v.30).

Vida Eterna

A herança definitiva prometida ao discípulo fiel no século vindouro.

Lucas 18:31–34 — Terceira Profecia da Paixão

Versículos 31–33 — O Caminho para Jerusalém

"Eis que subimos a Jerusalém, e se cumprirão todas as coisas escritas pelos profetas acerca do Filho do Homem" (v.31). Jesus não é surpreendido pelos eventos que se aproximam — ele os antecipa com plena consciência messiânica. Esta é a terceira e mais detalhada profecia da paixão no Evangelho de Lucas.

A sequência — "será entregue aos gentios, escarnecido, injuriado, cuspidado, açoitado, e morto" (vv.32–33) — ressoa diretamente com o Servo Sofredor de Isaías 53. Lucas apresenta a paixão não como tragédia acidental, mas como cumprimento deliberado do plano redentor de Deus.

"Ao terceiro dia ressuscitará" (v.33). A ressurreição não é epílogo — é a pedra angular sobre a qual toda a esperança cristã repousa.

Versículo 34 — O Mistério Incompreendido

"Eles nada entenderam destas coisas." A incompreensão dos discípulos não é fraqueza narrativa, mas estratégia teológica de Lucas: a plena compreensão da morte e ressurreição de Cristo só viria com o Espírito Santo (João 16:13).

"Porque o Senhor lhes ocultou o sentido destas palavras, e não entendiam o que lhes era dito."
(Lucas 18:34, KJA)

Esta tensão entre revelação e ocultamento é característica da cristologia de Lucas — o mistério pascual se revela progressivamente.

Cura do Cego Bartimeu — A Fé que Enxerga

→ O Clamor Persistente (vv.35–38)

Bartimeu, "cego e mendigo" às margens da estrada, ouve que Jesus passa e clama: "Jesus, Filho de Davi, tem misericórdia de mim!" O título messiânico — "Filho de Davi" — é uma confissão de fé cristológica notável vinda de alguém desprezado pela sociedade. A multidão o reprime; ele grita mais alto.

→ O Encontro Transformador (v.39–41)

Jesus para. Este verbo é teologicamente rico: o Senhor do universo interrompe sua jornada rumo a Jerusalém para acolher um cego à beira do caminho. "Que queres que te faça?" — Jesus convida à expressão da fé antes de agir. Esta pergunta revela o caráter pessoal e relacional da graça divina.

→ A Visão Restaurada — Fé e Cura (vv.42–43)

"A tua fé te salvou." A cura física é sinal da salvação espiritual: Bartimeu recebe não apenas visão nos olhos, mas visão da alma. Raymond E. Brown, em *An Introduction to the New Testament*, aponta que este milagre imediatamente antes da entrada em Jerusalém funciona como preparação narrativa para o reconhecimento messiânico do capítulo 19.

Zaqueu — A Salvação que Transforma



"Hoje a Salvação Chegou a Esta Casa"

Zaqueu era chefe dos publicanos — um homem duplamente marginalizado: colaborava com Roma e enriquecia desonestamente às custas do próprio povo. Sua curiosidade o leva a subir numa amoreira, pois "era pequeno de estatura" (v.3). Neste detalhe humaníssimo, Lucas revela o alcance universal da graça.

A iniciativa é de Jesus: "Zaqueu, desce depressa, porque hoje me convém pousar em tua casa" (v.5). A salvação não espera a perfeição moral do homem — ela o alcança no meio de sua impureza. A resposta de Zaqueu é imediata e radical: "Dou aos pobres a metade dos meus bens... restituirei quatro vezes mais" (v.8).

📖 **Versículo 10 — Missão Cristológica:** "O Filho do Homem veio buscar e salvar o perdido." Esta é a declaração mais condensada da missão de Cristo em todo o evangelho de Lucas — e ela é pronunciada na casa de um pecador público.

LUCAS 19:11–27

Parábola das Minas — Fidelidade no Reino

Responsabilidade Escatológica dos Crentes

Jesus conta esta parábola porque o povo "pensava que o Reino de Deus havia de se manifestar imediatamente" (v.11). A narrativa corrige expectativas imediatistas: há um período de espera entre a partida do rei e seu retorno glorioso — e este período exige fidelidade ativa, não passividade.

As Minas Distribuídas (v.13)

"Negociai até que eu volte." Cada servo recebe recursos iguais — a mina representa dons, oportunidades e responsabilidades dadas igualmente a todos os discípulos. A fidelidade não é medida pelo volume, mas pelo uso intencional do que foi confiado.

Os Servos Fiéis (vv.16–19)

O primeiro servo multiplica dez vezes; o segundo, cinco. Ambos recebem autoridade proporcional à fidelidade demonstrada. N.T. Wright observa que a recompensa não é repouso, mas maior responsabilidade no Reino — uma visão escatológica ativa e participativa.

O Servo Infiel (vv.20–24)

O servo que escondeu a mina por medo é condenado não pela maldade, mas pela inércia. O medo paralisante — disfarçado de cautela religiosa — é aqui denunciado como infidelidade ao propósito de Deus. Cristo não aceita passividade em seus discípulos.

Lucas 19:28–40 — Entrada Triunfal em Jerusalém

O Rei que Vem sobre um Jumentinho

"Bendito o Rei que vem em nome do Senhor!" (v.38). A entrada de Jesus em Jerusalém sobre um jumento — animal de paz, não de guerra — é ato profético deliberado, cumprindo Zacarias 9:9. Jesus não entra como general conquistador, mas como Rei Servo. A multidão lança mantos no caminho, gesto reservado à realeza.

O contraste é teológico: o verdadeiro Messias não corresponde às expectativas políticas de Israel. Sua realeza é radicalmente outra — uma soberania que se manifesta plenamente na cruz, não no campo de batalha.

Versículo 40 — As Pedras Clamarão

Quando os fariseus pedem que Jesus silencie a multidão, ele responde: "Se estes se calarem, as pedras clamarão" (v.40). Esta afirmação cosmológica declara que a adoração ao Messias não pode ser suprimida — a criação inteira aguarda e reconhece seu Senhor.

"A pedra que os edificadores rejeitaram, esta foi posta por cabeça da esquina." (Lucas 20:17, KJA)

A rejeição posterior de Jerusalém não anula o reconhecimento messiânico — ela o aprofunda, revelando a natureza do Reino que Cristo veio estabelecer.

Lamentação sobre Jerusalém — O Choro do Messias

"Se ao menos conhecesses as coisas que pertencem à tua paz..."

Em uma das cenas mais comoventes dos evangelhos, Jesus chora sobre Jerusalém (v.41). Este pranto não é fraqueza — é a expressão da ternura divina diante da rejeição humana. O verbo grego *eklaíen* denota um choro intenso, visceral, o mesmo usado na ressurreição de Lázaro (João 11:35).

"Se conhecesses, ao menos neste dia, as coisas que pertencem à tua paz! Mas agora estão encobertas dos teus olhos" (v.42). O juízo não é a primeira vontade de Deus — é a consequência da cegueira espiritual persistente. James D.G. Dunn sublinha que Lucas apresenta aqui um cumprimento tipológico das profecias de Jeremias sobre a queda de Jerusalém.



- ❑ **Escatologia Profética:** Os versículos 43-44 descrevem com precisão o cerco romano de 70 d.C. — um cumprimento histórico que confirma a autoridade profética de Cristo.

LUCAS 19:45–48

Purificação do Templo — A Autoridade de Cristo



O Ato Profético (v.45–46)

Jesus expulsa os vendilhões com autoridade messiânica direta. Citando Isaías 56:7 e Jeremias 7:11, ele declara: "A minha casa é casa de oração, mas vós a fizestes covil de ladrões" (v.46). O Templo havia se tornado instrumento de exploração religiosa — e o Filho de Deus não tolera a profanação da casa do Pai.



O Mestre no Templo (v.47–48)

Após a purificação, Jesus ensina diariamente no Templo. Os chefes dos sacerdotes e escribas buscavam matá-lo, "mas não achavam o que fazer, porque todo o povo estava atento para o ouvir" (v.48). A presença de Cristo no Templo é ao mesmo tempo ameaça ao establishment religioso e atração irresistível para o povo simples.



Cumprimento Escriturístico

O confronto direto com a elite sacerdotal cumpre o padrão profético do Servo que vem ao seu próprio povo e não é recebido (João 1:11). Cada ação de Jesus em Jerusalém move a narrativa em direção à cruz — o clímax da redenção cristocêntrica que Lucas cuidadosamente constrói.

Conflito com os Chefes — A Questão da Autoridade

"Com que autoridade fazes estas coisas?"

A delegação de sacerdotes, escribas e anciãos aborda Jesus com uma questão aparentemente razoável: "Dize-nos, com que autoridade fazes estas coisas? Ou quem é o que te deu esta autoridade?" (v.2). A pergunta é uma armadilha política: se Jesus afirmar autoridade divina, pode ser acusado de blasfêmia; se negar, perde credibilidade junto ao povo.

M. Green observa que esta confrontação revela a estrutura do poder religioso de Jerusalém: autoridade era concedida por instituições humanas, não pela unção divina. Cristo representa um desafio ontológico a esse sistema.

A Resposta Magistral de Cristo (vv.3-8)

Jesus responde com uma contrapergunta sobre o batismo de João: "Era do céu ou dos homens?" (v.4). O dilema paralisa os líderes: se disserem "do céu", Jesus perguntará por que não creram; se disserem "dos homens", a multidão que reverenciava João se voltará contra eles.

Ao responderem "não sabemos", revelam sua própria falta de autoridade para julgar questões espirituais. Jesus conclui: "Nem eu vos digo com que autoridade faço estas coisas" — não por evasão, mas porque a autoridade dele não precisa de validação humana. Ele É a autoridade.

- A sabedoria de Cristo diante das armadilhas revela sua divindade tanto quanto seus milagres — ele transcende toda lógica humana de poder.

Parábola dos Lavradores — O Filho Rejeitado

Tipologia Cristológica e Profecia da Rejeição

Os Servos Enviados

O dono da vinha envia servos repetidamente — tipologia dos profetas do Antigo Testamento enviados a Israel. Cada um é maltratado e expulso.

1

2

O Filho Enviado (v.13)

"Talvez que, vendo o meu filho, o respeitem." O envio do Filho é o ápice da paciência divina — o maior ato de amor é também o que expõe a máxima profundidade da rebelião humana.

3

A Rejeição e Morte (v.15)

"Este é o herdeiro; matemo-lo." Os lavradores assassinam o filho — prefiguração direta da crucificação de Cristo pelos líderes religiosos de Jerusalém.

4

A Pedra Angular (v.17-18)

Jesus cita o Salmo 118:22: "A pedra que os edificadores rejeitaram, esta foi posta por cabeça da esquina." A rejeição não é derrota — é o fundamento do novo edifício de Deus.

D. A. Carson sublinha que esta parábola é uma das mais explícitas declarações de consciência messiânica de Jesus registradas nos evangelhos sinóticos — e ela termina com a pedra que esmaga quem sobre ela cair (v.18).

Tributo a César e Ressurreição dos Mortos

Lucas 20:21–26 — Dai a César o que é de César

"Mestre, sabemos que falas e ensinas com acerto, e que não olhas à aparência das pessoas" (v.21). Os espiões tentam fazer Jesus escolher entre lealdade a Roma e lealdade a Deus — uma armadilha política calculada. A resposta de Cristo é genialmente subversiva: "Dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus" (v.25).

Mais do que neutralidade política, Jesus revela uma hierarquia cósmica: as estruturas humanas de poder têm sua esfera legítima, mas estão completamente subordinadas à soberania de Deus. A moeda traz a imagem de César; o ser humano traz a imagem de Deus (Gênesis 1:27) — e pertence a ele plenamente.

Lucas 20:27–40 — Deus é Deus dos Vivos

Os saduceus, que negavam a ressurreição, apresentam um caso hipotético sobre sete irmãos que casaram com a mesma mulher. Jesus desmonta o argumento em dois movimentos: primeiro, corrigindo a categoria — "os que são dignos de alcançar aquele século... nem morrem mais" (vv.35–36); segundo, demonstrando a ressurreição a partir da própria Torá que os saduceus aceitavam.

"Deus não é Deus de mortos, mas de vivos, porque todos vivem para ele." (Lucas 20:38, KJA)

R. Hagner observa que esta declaração fundamenta toda esperança escatológica cristã: a vida eterna não é conquista humana, mas dom do Deus vivo que sustenta a existência de seus filhos para além da morte.

A Viúva Pobre — Generosidade que Glorifica a Deus



"Ela deu de tudo o que tinha para viver"

Sentado em frente ao tesouro do Templo, Jesus observa a multidão colocar suas ofertas. Os ricos lançam grandes somas com ostentação; uma viúva pobre deposita duas pequenas moedas — o mínimo possível. É para ela que Jesus dirige seu comentário mais elogioso sobre generosidade.

"Em verdade vos digo que esta viúva pobre lançou mais do que todos" (v.3). O critério divino de avaliação não é o volume da oferta, mas a proporção do sacrifício — e mais profundamente, a disposição do coração que doa não do excesso, mas da própria sustentação.

Aplicação Cristocêntrica: A viúva torna-se imagem de Cristo mesmo, que não reteve "como usurpação ser igual a Deus, mas esvaziou-se a si mesmo" (Filipenses 2:6-7). A generosidade sacrificial é sempre reflexo da entrega total do Filho de Deus na cruz — o maior dom dado da pobreza, para que nós fôssemos ricos (2 Coríntios 8:9).

Lucas 21:5–36 — Sinais dos Tempos e Retorno do Filho do Homem

Destruição do Templo (vv.5–7)

"Não ficará pedra sobre pedra que não seja derrubada." Ao admirar as belas pedras do Templo, os discípulos recebem uma profecia que se cumpriu historicamente em 70 d.C. com o cerco romano de Tito. Este evento tornou-se o paradigma para compreender os julgamentos escatológicos maiores ainda por vir.

Sinais de Tribulação (vv.8–19)

"Haverá guerras, terremotos, pestilências, sinais no sol, na lua e nas estrelas" (vv.10–11,25). Jesus não instrui os discípulos a calcular datas, mas a manter perseverança: "Pela vossa paciência possuireis as vossas almas" (v.19). A vigilância escatológica é primariamente ética, não especulativa.

O Retorno Glorioso (vv.25–27)

"Então verá o Filho do Homem vindo numa nuvem com poder e grande glória" (v.27). O retorno de Cristo não é evento especulativo, mas promessa concreta. N.T. Wright, em *The New Testament and the People of God*, interpreta esta linguagem como cumprimento da visão de Daniel 7 — Cristo sendo vindicado e investido de autoridade universal.

A Parábola da Figueira (vv.29–36)

"Quando virdes estas coisas acontecerem, sabeis que o Reino de Deus está próximo" (v.31). A figueira que brota anuncia o verão; os sinais escatológicos anunciam o Reino. O chamado final é à vigilância: "Vigiai, pois, orando em todo o tempo, para que sejais havidos por dignos de escapar de todas estas coisas" (v.36).

Síntese Exegética — O Cristo dos Capítulos 18–21

Uma Visão Cristocêntrica Integrada



Lucas 18–21 apresenta Cristo em sua plenitude messiânica: o Mestre que ensina com autoridade, o Rei que entra em Jerusalém em humildade, o Profeta que chora sobre a cegueira humana, e o Juiz que retornará em glória. Cada episódio aponta para a centralidade de sua pessoa e obra — da parábola da viúva persistente até os sinais escatológicos, tudo converge para o evento fundante da Cruz e a esperança do retorno glorioso.

Conclusão e Chamado — A Esperança em Cristo

Estes quatro capítulos de Lucas nos convidam a uma postura de **vigilância ativa, generosidade sacrificial e esperança inabalável**. Não somos chamados à passividade escatológica, mas ao discipulado comprometido enquanto aguardamos o retorno do Rei.

Vigilância

Orar sempre e não desfalecer, à semelhança da viúva persistente, confiando na fidelidade de Deus.

Humildade

Vir a Cristo como crianças e publicanos — vazios de mérito próprio, cheios de confiança em sua graça.

Generosidade

Dar como a viúva pobre — não do excesso, mas do coração que foi transformado pelo amor de Cristo.

Esperança

Levantar a cabeça quando virdes estas coisas, pois a redenção está próxima (Lucas 21:28).

"Porque Deus amou o mundo, deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna." (João 3:16, KJA)

Jônatas Silva da Cruz

Teólogo — Comentário Bíblico Exegético, Lucas 18–21 (KJA)

CRISTOCÊNTRICO

ACADÊMICO

VERSÍCULO A VERSÍCULO